

H.P. LOVECRAFT

DAGON

ILUMI/URAS

"A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão estes fatos, e a verdade admitida deve firmar para sempre a autenticidade e dignidade das narrações fantásticas de horror como forma literária." H.P. L.

H.P. Lovecraft (1890-1937), foi o mais importante escritor do sobrenatural desde Edgar Poe, e tem sido influência fundamental no desenvolvimento do gênero. Não há na literatura um escritor semelhante. Talvez possamos dizer que seja Lovecraft quem deixou no século vinte os passos a serem seguidos por gerações de escritores, que o tem como mestre confesso.

Foi um visionário, alguém capaz de entrar no mundo dos sonhos e de lá nos trazer o pesadelo, o terror que ronda a noite. Ali, onde o terror faz sua irrupção, é que se gesta a literatura de Lovecraft, amparada num elíptico estilo, que faz o deleite de seu leitores. Conhecedor profundo do gênero (não há ingenuidade em suas narrativas, como o seu ensaio *O horror sobrenatural na literatura*, pode atestar), o autor nunca se deixou levar por facilidades ou empatias emotivas, para colocar o seu leitor no limbo. Como ele mesmo nos diz, a dor e o perigo de morte são os sentimentos mais vividamente lembrados. O lado negro da existência é reforçado por um manejo extra-

ordinário de mistérios cósmicos, dando forma a mundos paralelos sempre a espreita com suas funestas hostilidades. Ele diz no mesmo ensaio, que "quando a esse sentimento de medo e desgraça se adiciona a fascinação inevitável do espanto e da curiosidade, nasce um corpo composto de emoção exacerbada e imaginativa provocada, cuja vitalidade certamente há de durar tanto quanto a própria raça humana". E mais adiante: "não se deve confundir literatura de pavor com um tipo bastante semelhante mas psicologicamente muito diferente: a literatura de medo meramente físico e do horror terreno. (...) O verdadeiro conto de horror tem algo mais que sacrifícios secretos, ossos ensangüentados ou formas amortalhadas fazendo tinir correntes em concordância com as regras. Há de estar presente uma certa atmosfera de terror sufocante e inexplicável ante forças externas ignotas; e tem que haver uma alusão, expressa com a solenidade e seriedade adequada ao tema, à mais terrível concepção da inteligência humana – uma suspensão ou derrogação particular das imutáveis leis da Natureza, que são a nossa única defesa contra as agressões do caos e dos demônios do espaço insondado". Todas as minhas histórias – nos diz – estão baseadas na crença ou lenda fundamental de que este mundo esteve habitado em outros tempos por uma raça que vive agora esperando o dia em que tomará de vez possessão da Terra. Lovecraft criou mitos que expressam a grandeza e o terror do universo.

O século que experimentou um fantástico progresso na mecanização da produção, uma extraordinária jornada de investigação, sob a égide da ciência, de todos os meandros da atividade humana — produtiva, social, mental —, foi também o período em que mais proliferaram, na cultura universal, as incursões artísticas na esfera do imaginário, os mergulhos no mundo indevassável do inconsciente. Literatura, rádio, cinema, música, artes plásticas, e depois, também, a televisão, entrelaçaram-se na criação e recriação de mundos sobrenaturais, em especulações sobre o presente e o futuro, em aventuras imaginárias além do universo científico e da realidade aparente da vida e do espírito humanos.

Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), embora não tenha alcançado sucesso literário em vida, foi postumamente reconhecido como um dos grandes nomes da literatura fantástica do século XX, influenciando artistas contemporâneos, tendo histórias suas adaptadas para o rádio, o cinema e a televisão e um público fiel constantemente renovado a cada geração. Explorando em poemas, contos e novelas os mundos insólitos que inventa e desbrava com a mais alucinada imaginação, Lovecraft seduz e envolve seus leitores numa teia de situações e seres extraordinários, ambientes oníricos, fantásticos e macabros que os distancia da realidade cotidiana e os convoca a um mergulho nos mais profundos e obscuros abismos da mente humana.

Dono de uma escrita imaginativa e muitas vezes poética que se desdobra em múltiplos estilos narrativos, Lovecraft combina a capacidade de provocar a ilusão de autenticidade e verossimilhança com as mais desvairadas invenções de sua arte. Ele povoa seu universo literário de monstros e demônios, de todo um panteão de deuses terrestres e extraterrestres interligados numa saga mitológica que perpassa várias de suas narrativas e de homens sensíveis e sonhadores em perpétuo conflito com a realidade prosaica do mundo.

H.P. Lovecraft

DAGON

Tradução Celso M. Paciornik

Títulos originais:

The lurking fear, Dagon, Arthur Jermyn, The temple, The moon-bog, The unnamable, The outsider, The shadow over Innsmouth

Capa: Fê

Estúdio A Garatuja Amarela

Revisão: Maria Esteia de Alcântara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lovecraft, H. P., 1890-1937

Dagon / H. P. Lovecraft; tradução Celso M. Paciornik.

— 2. ed. — São Paulo : Iluminuras, 2005.

Título original: Dagon. ISBN 85-7321-225-X

1. Ficção norte-americana I. Título.

35-4530 CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813.5

ÍNDICE

O terror emboscado

Dagon

Arthur Jermyn

O templo

O pântano lunar

O inominável

O intruso

A sombra sobre Innsmouth

O MEDO À ESPREITA

I. A sombra na chaminé

Trovejava na noite em que fui ao solar deserto no topo da Tempest Mountain para me defrontar com o medo que estava à espreita. Eu não estava só, pois a temeridade não se confundia, então, com aquele amor pelo grotesco e o terrível que fez de minha carreira uma sucessão de horrores singulares na literatura e na vida. Estavam comigo dois homens fortes e leais que chamei quando chegou o momento, homens que, por sua peculiar adequação, havia muito se tinham associado a mim em minhas pavorosas investigações.

Sáíramos discretamente do vilarejo por causa dos repórteres que ainda se demoravam por lá depois do pânico sinistro de um mês antes — o pesadelo da morte arrepiante. Mais tarde, pensei, eles poderiam ajudar-me, mas não os queria naquele momento. Praza Deus eu os tivesse deixado partilhar da busca, pois assim não teria de suportar, sozinho e por tanto tempo, o segredo, suportá-lo sozinho temendo que o mundo me achasse louco ou ele próprio enlouquecesse com as implicações diabólicas da coisa. Agora que, de qualquer sorte, estou contando tudo para que as aflições não me enlouqueçam, gostaria de não o haver ocultado. Pois eu, e so-

mente eu, sei que tipo de pavor estava à espreita naquela montanha espectral e desolada.

Metidos num pequeno automóvel, cobrimos as milhas de morros e florestas primitivas até a encosta arborizada o impedir de seguir em frente. A região apresentava um aspecto mais sinistro do que o usual agora que a víamos à noite e sem as multidões costumeiras de investigadores, o que freqüentemente nos induziu a usar a lanterna de acetileno apesar da atenção que ela poderia atrair. Não era uma paisagem salubre depois de escurecer, e acredito que teria notado sua morbidez mesmo se não tivesse conhecimento do terror que andava à solta por lá. Criaturas selvagens não havia — elas ficam alertas quando a morte furtiva aproxima-se. As velhas árvores atingidas pelos raios pareciam extraordinariamente grandes e retorcidas, e o restante da vegetação terrivelmente denso e febril, enquanto curiosos montículos e outeiros no terreno coberto de mato esburacado por fulguritos¹ sugeriam-me serpentes e crânios humanos avolumados a proporções gigantescas.

O medo estivera à espreita na Tempest Mountain² por mais de um século. Isto eu logo fiquei sabendo pelos relatos dos jornais sobre a catástrofe que, pela primeira vez, atraiu o interesse mundial para a região. O lugar é uma ele-

¹ Crosta vitrificada originada pela fusão de areia, ou de qualquer outra rocha, por efeito do calor do raio. (N.T.)

² Montanha da Tempestade. (N.T.)

vação solitária e remota naquela parte das Catskills, onde a civilização holandesa penetrara, um dia, fraca e provisoriamente, deixando para trás, ao regredir, apenas algumas mansões arruinadas e uma população degenerada de posseiros habitando vilarejos esquálidos em ladeiras isoladas. Pessoas normais raramente visitavam o local antes da constituição da polícia estadual, e, mesmo agora, somente policiais montados o patrulham irregularmente. O medo, porém, é uma velha tradição em todas as povoações vizinhas, pois é o tópico principal da conversa simples dos pobres mestiços que às vezes abandonam seus vales para trocar cestos tecidos à mão pelos produtos de primeira necessidade primitivos que não podem derrubar com um tiro.

O medo estava à espreita no temido e deserto solar Martense que coroava o cume alto, mas não escarpado, cuja propensão a freqüentes tempestades lhe valera o nome de *Tempest Mountain*. Por mais de cem anos, a vetusta casa de pedra rodeada de bosques fora o mote de histórias extremamente violentas e repulsivas, histórias sobre uma morte colossal, silenciosa e arrepiante que rondava o lado de fora da casa no verão. Com chorosa insistência, os posseiros contavam casos de um demônio que atacava os viajantes solitários depois do escurecer, ora os carregando embora, ora os deixando desmembrados, em estado de pavor absoluto; às vezes, eles segredavam histórias de trilhas de sangue seguindo na direção do longínquo solar. Para

alguns, o trovão tirava o medo à espreita para fora de sua morada, enquanto que para outros, o trovão era a sua voz.

Ninguém que fosse de fora da região acreditava nessas histórias variadas e conflitantes, com suas descrições extravagantes, incoerentes, sobre um demônio apenas vislumbrado, mas nenhum agricultor ou aldeão duvidava de que o solar Martense fosse mal-assombrado. A história local excluía essa dúvida, muito embora os investigadores que haviam visitado a construção depois de alguns relatos especialmente exaltados dos posseiros jamais houvessem encontrado a menor evidência de malignidade. As velhas avós narravam mitos estranhos sobre o espectro dos Martense, mitos sobre a própria família Martense, sua singular desigualdade hereditária nos olhos, sua extensa e desnaturada crônica familiar e o assassinato que a amaldiçoara.

O terror que me levou àquele ambiente foi uma confirmação súbita e agourenta das mais desvairadas lendas dos montanhese. Certa noite estivai, depois de uma tempestade de violência sem precedente, a região foi despertada por uma correria de posseiros que uma mera ilusão não teria provocado. As hordas deploráveis de nativos gritavam e guinchavam sobre o indescritível horror que se descera sobre eles e não se mostravam inseguras. Não o haviam visto, mas tinham ouvido gritos de tal monta saídos de um vilarejo, que sabiam que uma morte rastejante havia chegado.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

